



Literatura infantil e a temática étnico-racial: uma análise comparativa entre as narrativas *Pretinha de neve e os sete gigantes* e *Negrinha*
Children's literature and the ethnic-racial theme: a comparative analysis between the narratives Pretinha de neve e os sete gigantes and Negrinha

Keyla Patrícia da Silva MACENA¹
Nelma Menezes Soares de AZEVÊDO²

Resumo: Neste artigo, abordamos a utilização da literatura infantil como proposta para estudos étnico-raciais. Em uma análise comparativa entre os textos *Negrinha*, de Monteiro Lobato, e *Pretinha de Neve e os sete gigantes*, de autoria de Rubem Filho, apresentamos a construção da identidade negra em dois contextos e ambientes diferentes, reforçando a necessidade de utilizar a literatura infantil para propiciar a discussão social. Ao participar de experiências literárias, o jovem consegue se integrar em vários contextos e flexibilizar seu olhar e aprendizado a partir da leitura. É nessa perspectiva que se faz a comparação entre as duas obras escolhidas, podendo mostrar realidades em épocas distintas. Fundamentamos nosso trabalho em Nelly Novaes Coelho (2000), Antônio Sampaio Dória (2008) e Aracy Martins e Rildo Cosson (2008). Esperamos, com esse estudo, contribuir para a formação de leitores mais críticos e provocar uma reflexão acerca da importância da literatura infantil, possibilitando discussões sobre diversos temas e favorecendo a formação de indivíduos mais humanos.

Palavras-chave: Literatura infantil. Discussão étnico-racial. Análise comparativa. *Negrinha*. *Pretinha de Neve e os sete gigantes*.

Abstract: In this article, we discuss the use of children's literature as a proposal for ethnic-racial studies. In a comparative analysis between the texts *Negrinha*, by Monteiro Lobato and *Pretinha de Neve e os sete gigantes*, by Rubem Filho, we present the construction of black identity in two different contexts and environments, reinforcing the need to use children's literature to promote social discussion. By participating in literary experiences, the young is able to integrate himself in different contexts and to make his gaze and learning more flexible from reading. It is from this perspective that the comparison between the two chosen works is made, being able to show different realities at different times. We base our work on Nelly Novaes Coelho (2000), Antônio Sampaio Dória (2008) and Aracy Martins and Rildo Cosson (2008). With this study, we hope to contribute to the formation of more critical readers and to reflect on the importance of children's

Keywords: Children's literature. Ethnic-racial discussion. Comparative analysis. *Negrinha*. *Pretinha de Neve e os sete gigantes*.

<http://dx.doi.org/10.24024/23579897v28n2a2019p87097>

¹ Graduanda do curso de Letras | FAFIRE | e de Pedagogia | UFPE | E-mail: keylamacena@gmail.com

² Mestre em Educação | UFRPE | Especialista em Literatura Infantojuvenil | FAFIRE | professora da FAFIRE | E-mail: nelma1507@gmail.com

Introdução

O presente artigo apresenta um estudo comparativo entre o conto juvenil intitulado *Negrinha*, de Monteiro de Lobato, e o livro infantil, *Pretinha de Neve e os sete gigantes*, de Rubem Filho, que abordam a temática racial em diferentes tempos e espaços.

A metodologia utilizada foi a produção, de forma descritiva, com um levantamento bibliográfico de autores que discutem a temática, e, concomitantemente, realizou-se uma análise comparativa, segundo a definição apresentada por Tânia Franco Carvalhal:

Pode-se dizer, então, que a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe. Em síntese, a comparação, mesmo nos estudos comparativos, é um meio, não um fim (CARVALHAL, 1986, p. 7).

Sendo assim, adotamos uma postura crítico-reflexiva sobre os conteúdos abordados nas obras, observando como a criança negra está inserida em diferentes espaços e situações, o modo como a história a coloca em lugares subalternos ou de excelência e, deste modo, comparamos a construção social e temporal dentro da literatura infantil e sua modificação.

Trabalhamos as obras como um meio para a discussão racial, pretendendo instigar os leitores do artigo a buscar novos meios de dialogar com importantes temáticas, a fim de solucionar problemas sociais. Para isso, fundamentamos a nossa pesquisa em Nelly Novaes Coelho (2000), Antônio Sampaio Dória (2008) e em Aracy Martins e Rildo Cosson (2008), que discutem a literatura infantil e sua estrutura, análises literárias para crianças e políticas de representatividade nas obras literárias.

Este artigo se divide em três partes que visam explicar a multiculturalidade na literatura infantil, a comparação entre o tempo e espaço nas duas obras e a diferença entre os papéis protagonizados pelas personagens.

1. A multiculturalidade na literatura infantil

Com as mudanças ocorridas na sociedade moderna nos séculos XVIII e XIX, a criança tornou-se alvo de preocupações sociais e, a partir disso, novos ramos da ciência são estimulados, explicam Oliveira e Jamir e Silva (2017). Sendo assim, a criança já não era mais vista como na Idade Média, um adulto em miniatura, ou como um ser sem importância que logo viria a óbito.

Deste modo, faz-se necessária a abordagem de temas sociais predominantes para constituir uma formação respeitosa da criança. Dentre as inúmeras problemáticas sociais que precisam de enfrentamento, está o racismo, que é definido pela filósofa russa Ayn Rand como

A forma mais inferior e grosseiramente primitiva de coletivismo. É a noção de atribuir significância moral, social ou política a linhagem genética de um homem – a noção de que os traços intelectuais e de caráter de um homem são produzidos e transmitidos pela química

interna do seu corpo. O que significa, na prática, que um homem não deve ser julgado pelo seu próprio caráter e ações, mas pelo caráter e pelas ações de um grupo de antepassados (RAND, 2013, p. 192).

Nessa perspectiva, a autora explica que o racismo é irracional, pois utiliza do determinismo biológico para predestinar o homem a certas funções, negando, assim, a razão e a moralidade. Dória (2008), ao tratar de preconceito, aborda a visão do teórico Antonio Candido, que “define o preconceito como um juízo falso baseado em impulsos irracionais e falsas noções” (p. 25).

Percebendo a necessidade de trabalhar tais temas ainda na infância, que é o momento de formação do cidadão, a literatura infantil acaba tornando-se aliada de pais e professores, já que é portadora de uma função social. Colomer (2017) explica que foi a partir da Segunda Guerra Mundial que a literatura infantil adotou como uma de suas prioridades o respeito pelas demais raças e culturas, pois é na experiência literária que o leitor consegue identificar-se com personagens e contextos diversos. Então, “a importância da literatura, porém, não se restringe apenas à expectativa de adquirir conhecimento, mas à possibilidade de ampliar a consciência de mundo” (OLIVEIRA; JAMIR E SILVA, 2017, p. 47).

Segundo Colomer (2017), foi na década de 90 que a multiculturalidade emergiu como um fenômeno nas sociedades ocidentais por causa das migrações provocadas pelas desigualdades entre o primeiro e o terceiro mundo. Essas mudanças histórico-sociais explicam a modificação nas abordagens literárias, tanto no que diz respeito à literatura infantil verbo-visual, que é o caso de *Pretinha de Neve e os sete gigantes*, como nas que apresentam um único sistema semiótico, que é o caso de *Negrinha*. Corrêa (2008) explica que a fruição estética presente nas obras é a responsável por levar os leitores a pensarem o mundo e provoca neles o encantamento com a arte, possibilitando-os viverem novas experiências.

Para Coelho (2000), a literatura infantil, como modalidade artística, é fundamental para a formação de uma nova mentalidade, já que possibilita ao leitor entender seu papel no mundo, ou, como afirma Todorov (2009, p. 3), “a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo”. Compreende-se que a criança não pode ser vista como um indivíduo sem consciência, que não produz cultura ou não adquire novos saberes. Sendo assim, faz-se necessário construir uma nova mentalidade, preparando essas crianças e jovens para a convivência com culturas e raças diferentes, e a literatura infantil – escolarizada ou não – tem um espaço importante para que isso ocorra. Como afirma Corrêa (2008),

Um olhar mais acurado para esse tipo de literatura poderá revelar uma obra que extrapola em muito um objeto destinado apenas às crianças, uma vez que sua configuração estética permite diferentes níveis de leitura, além da pluralidade que ali se apresentam (CORRÊA, 2008, p. 91).

Deste modo, entende-se que a obra infantojuvenil pode ser lida e compreendida em diversas fases da vida, sem perder seu significado e propósito, levando o leitor sempre à reflexão daquilo que deseja abordar. Principalmente, no gênero textual conto, visto que,

como afirma Coelho (2000), reflete um “momento significativo” da personagem, isto é, embora existam vários elementos envolvidos na história, o fragmento retratado é o que constitui a obra, ampliando a consciência e a experiência da pessoa que lê.

2. Contextualização das obras

Martins e Cosson (2008) explicam a necessidade de contextualizar as obras selecionadas para os estudos, pois o tempo e o espaço em que foram escritas refletem diretamente na produção e na análise dos contos. Como é possível observar no trecho a seguir:

Uma ressalva relevante é a questão sutil e complexa do anacronismo necessário, ou seja, a leitura de obras do passado feita com o objetivo de mapear as representações inadequadas ou preconceituosas segundo critérios erigidos no presente (MARTINS; COSSON, 2008, p. 60).

O espaço é o que dá apoio às personagens, pois “ele determina as circunstâncias locais, espaciais ou concretas, que dão realidade e verossimilhança aos sucessos narrados” (COELHO, 2000, p. 76-77). Tanto *Negrinha* como *Pretinha de Neve e os sete gigantes* utilizam-se do espaço social para contar a história, que é definido por Coelho (2000) como o “ambiente modificado pela técnica, pelo trabalho de transformação do homem” (p. 77), ou seja, uma casa, um castelo, etc. locais esses que são comuns a quem vive nas zonas urbanas.

No entanto, a obra de Rubem Filho também se utiliza do espaço natural que é caracterizado por paisagens, já que o castelo em que Pretinha mora fica em uma montanha e, posteriormente, ela foge pela floresta. Por ser uma obra verbo-visual, também é possível observar nas ilustrações trazidas no livro.

O livro *Pretinha de Neve e os sete gigantes*, de autoria de Rubem Filho, foi publicado em 2013, 93 anos após a publicação do conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato, que foi, por sua vez, publicado em 1920, quando fazia apenas 32 anos que a abolição da escravidão havia acontecido, ou seja, a mentalidade escravocrata ainda permanecia de maneira forte nas ações pessoais e na sociedade como um conjunto. É o que denuncia Dória (2008), quando diz que, apesar da história se passar no pós-abolição, o tema central do conto permanece sendo a escravidão.

Dória (2018) continua suas provocações quando fala da hipocrisia social e levanta a questão de que a abolição da escravidão não concedeu nenhuma fonte de renda aos ex-escravos, deixando-os dependentes ainda dos seus ex-donos, como podemos observar a seguir:

Vítima da violência, e mais ainda da hipocrisia social, que não reservava aos negros libertos um lugar ao sol, Negrinha é símbolo de um Brasil cujas instituições reservam à elite a dominação sem peias ou freios, e às classes menos favorecidas o horror do jugo dos detentores do poder (DÓRIA, 2008, p. 136).

Monteiro Lobato retrata isso muito bem em sua obra, ao colocar a personagem Dona Inácia como uma ex-dona de escravos, retratando as suas más ações e discriminação com a menina Negrinha, como se ela ainda fosse uma escrava, como apresentado no trecho:

A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos – e daquelas ferozes, amigas de cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca

se afizera ao regime novo – essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! (LOBATO, 2001, p. 79).

É possível observar, no trecho citado, que Dona Inácia discordava veementemente do documento assinado pela Princesa Isabel. Para ela, os brancos possuíam supremacia, e assim deveria permanecer. Lobato explicita isso ainda mais, quando diz que o dia 13 de maio, dia este da abolição no Brasil, último país a fazê-lo no Ocidente, tirou das mãos de Inácia apenas o azorrague, mas a mentalidade da senhora permanecia a mesma, e ter Negrinha em casa era como remédio, amaciava o ego da mulher.

Por sua vez, *Pretinha de Neve e os sete gigantes* foi publicado quando já havia a lei 10.636/2003, que trata como obrigatoriedade o ensino da história, cultura e luta dos povos africanos e afro-brasileiros. Apesar de algumas escolas não terem metodologias ou criatividade para trabalharem a história e cultura dos povos afro-brasileiros para além do livro de história, ainda assim, a lei viabilizou esse conteúdo, aplicando não apenas em livros didáticos, mas instituindo o dia 20 de novembro como o dia para se pensar a negritude, suas conquistas e a agregação cultural que traz ao país.

A referida lei escolarizou a literatura infantil afro-brasileira, entregando aos alunos possibilidades de pensar e de entender que há várias etnias que precisam ser respeitadas e que carregam uma vasta cultura. Os alunos de tez escura podem, agora, verem-se em livros, histórias e vislumbrar novos horizontes.

É assim que *Pretinha de Neve e os sete gigantes* se apresenta: como um lugar diferente para personagens negros. Todos os personagens da história são de tez escura, o que os coloca em posições distintas, desde rei a mineradores. E a criança tem, ao longo de toda a história, um papel importante, tanto para a vida do rei como para a vida dos gigantes.

Fica evidente a importância do espaço dentro da narrativa, pois a sua função pragmática possibilita aos elementos servirem de instrumento para o desenvolvimento da ação, como explica Coelho (2000), bem como o tempo da obra, já que a narrativa passa por ações e fatos com início, meio e fim. Sendo assim, as leituras precisam ser atentas, pois elementos podem passar despercebidos a quem não tiver atenção à linearidade do texto.

3. Protagonismos diferentes

Segundo Nelly Novaes Coelho (2000), “personagem é a transfiguração de uma realidade humana transposta para o plano da realidade estética.” (p. 74). Sendo assim, é uma figura importantíssima, pois os interesses do leitor focam-se nela, assim como as suas reflexões e a sua empatia, retomando Colomer (2017), que fala sobre colocar-se no lugar do protagonista da história. Ao aprofundar-se no conceito de personagem e sua função, Coelho (2000) continua:

A personagem é uma espécie de amplificação ou síntese de todas as possibilidades de existência permitidas ao homem ou à condição humana. A palavra “personagem” é oriunda do termo latino *persona*, nome com que os romanos designavam as máscaras usadas pelos atores gregos em suas representações teatrais (COELHO, 2000, p. 74).

Sendo assim, é na personagem da história que se faz possível vislumbrar novos horizontes. O leitor consegue vivenciar novas experiências e imaginar-se em um tempo e espaço diferente. Por isso, a importância das obras selecionadas, já que o leitor de tez escura pode entender as problemáticas históricas e o sofrimento de seus ancestrais através da personagem Negrinha, bem como pode sonhar e imaginar-se em uma posição privilegiada através da personagem Pretinha.

Apesar das críticas atuais acerca das obras de Monteiro Lobato, sendo caracterizado como um autor racista, ao observar o conto *Negrinha*, fica em evidência um protesto em relação ao modo como a personagem principal é tratada, e não um louvor a tal tratamento.

No entanto, Martins e Cosson (2008) apontam para um estudo feito pela teórica Fúlvia Rosemberg, em 1984, que mostrava o caráter racista nas obras infantis publicadas em 1955, 35 anos após a publicação de *Negrinha*, o que torna Lobato um autor moderno e perspicaz ao perceber que o preconceito racial é desumano e cruel, pois, no conto, denunciava as mazelas sociais do período escravocrata e pós-abolição.

Negrinha era filha de mãe escravizada, órfã e não tem a quem recorrer ou com quem brincar, é muito desprezada e maltratada pela mulher que a cria, como exposto no trecho a seguir:

Que ideia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo – não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi a bubônica. A epidemia andava na berra, como a grande novidade, e *Negrinha* viu-se logo apelidada assim – por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida – nem esse de personalizar a peste... O corpo de *Negrinha* era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo (LOBATO, 2001, p. 79).

Não importava se *Negrinha* não possuía nome, já a desumanizavam muito e, para testificar isso, outros apelidos pejorativos lhe eram atribuídos. A garota não tinha direito de sentir felicidade, nem sequer uma vez. *Negrinha* era tratada com tamanho desprezo, jogada e abandonada, qualquer coisa era motivo para que fosse agredida fisicamente e humilhada, de todas as formas imagináveis.

Martins e Cosson (2008) ressaltam a importância de resgatar obras “canonizadas” para o debate contemporâneo sobre questões raciais e a identidade positiva do negro, o que foi feito na escolha da comparação entre *Negrinha*, publicado em 1920, e *Pretinha de Neve e os sete gigantes*, publicado em 2012.

Ao analisarmos e compararmos as duas obras, a releitura do conto de fadas clássico “Branca de Neve” para “Pretinha de Neve”, coloca a figura da criança negra em outro lugar, um protagonismo positivo, em que é possível enxergar a etnia em outro paradigma.

A discussão feita por Martins e Cosson (2008), sobre a política de representação nas obras, acompanha a fala da teórica Conceição Evaristo acerca da produção literária que busca: “reverter os valores, introduzir personagens na história, dar-lhes um espaço/tempo

e uma outra movimentação a partir de uma ótica e de uma criação próprias, encontrar seus heróis e construir uma épica negra” (p. 59).

E isso é perceptível na obra de Rubem Filho, pois, já no início, o autor apresenta uma visão diferente da África, ele rompe com a ideia que se tem de um lugar sempre quente, com crianças passando fome, como se fosse um pequeno país, ao invés de um continente multicultural, fazendo o leitor imaginar novas possibilidades para a personagem e romper com estereótipos. Como podemos observar: “Você sabia que na África também cai neve? Isso acontece no Monte Kilimanjaro, que fica no coração do continente. Ele é muito, muito alto, e lá em cima sempre faz frio” (FILHO, 2013, p. 5).

A filósofa brasileira Djamilia Ribeiro (2019) explica que quando a pessoa negra está em um local diferente daquele que lhe foi atribuído, durante muitos anos do período escravocrata, há a restituição de humanidades negadas anteriormente. Isso é totalmente perceptível no conto em que a menina negra é uma princesa, e não mais a menosprezada filha de mãe escravizada, situação na qual o leitor costuma encontrar personagens de tez escura. A autora explica que o lugar de fala está intimamente ligado ao lugar social, ou seja, todas as pessoas podem e devem teorizar sobre todos os tipos de preconceito, só que o farão de lugares distintos, como se pode observar:

Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de locus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. Absolutamente não tem a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, por exemplo (RIBEIRO, 2019, p. 64).

É nessa mesma perspectiva que Martins e Cosson (2008) falam que “o caráter político da representação fica mais evidente quando se confere à presença do enunciador o poder de distinguir entre um discurso sobre o negro e um discurso do negro” (p. 57). Trazendo como referência as obras analisadas, é possível percebê-las como igualmente importantes, pois Lobato – homem branco – traz, do seu lugar social, uma análise reflexiva acerca da escravidão que assolava o período em que a história de Negrinha se passa, bem como Rubem Filho, – homem negro – que encara o lugar da criança negra de maneira diferente, caracterizando Pretinha como uma princesa africana.

Apesar das diferenças entre as duas obras, uma semelhança há entre ambas as crianças. Tanto Negrinha como Pretinha não possuíam ninguém para brincar, o que revela, para cada uma, um final diferente. Negrinha, por viver em uma condição subalterna e não ter amigos ou liberdade para transitar entre as ruas do seu tempo, vivia sozinha, tratada de forma muito cruel, e todas as pequenas distrações que tinha eram criadas por ela mesma. Até que “certo dezembro vieram passar as férias com santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas” (LOBATO, 2001, p. 81). Negrinha ficou encantada com aquelas crianças, pois irradiavam felicidade, o que fez com que a menina as visse como anjo, mas Dona Inácia foi logo pondo Negrinha no lugar de sempre, longe das meninas e de qualquer micro sinal de alegria.

Mas Negrinha ficou imensamente curiosa e encantada quando viu a boneca que as doces crianças possuíam:

Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que falava ‘mamã’... que dormia... Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial (LOBATO, 2001, p. 82).

Incrivelmente, pela primeira vez, a Dona Inácia se apiedou de Negrinha e permitiu que a criança brincasse com suas sobrinhas. As duas meninas acharam muito engraçado o fato de Negrinha nunca ter visto ou brincado com uma boneca, mas concederam a ela a honra de fazê-lo.

Negrinha ficou tão feliz, descobriu ser uma pessoa, alguém que tinha alma, e não apenas um objeto sem valor, mas o fim das férias das meninas levaria também o fim de Negrinha. Sabendo a felicidade que era brincar, Negrinha morreu de nostalgia, deixando uma imagem negativa a todos que a conheceram – às vezes boba, às vezes alguém bom de bater – ainda que não tivesse culpa da condição social em que vivia, como é possível observar no trecho:

Negrinha, não obstante, caíra numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos. [...] Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça – abraçada, rodopiada. E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma cômica, na memória das meninas ricas. “Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca?” Outra de saudade, no nó dos dedos de dona Inácia. “Como era boa para um cocre!...” (LOBATO, 2001, p. 83-84).

Por outro lado, o final de Pretinha é totalmente diferente. Por não ter com quem brincar, já que a mãe vivia ocupada e o seu padrasto era agressivo e insensível, a princesa resolve fugir do castelo, a fim de descobrir um mundo mais quentinho e alegre. Ao fazê-lo, Pretinha encontra um casarão, com todos os móveis igualmente grandes, e resolve comer e descansar na casa. Educadamente, pergunta se há alguém, mas como não encontra os donos, apenas se alimenta e descansa.

Em seguida, os sete gigantes, donos da casa, chegam e surpreendem-se com a presença de Pretinha, que se torna uma grande amiga deles. Eles passeavam com Pretinha nos ombros, conversavam e brincavam. Finalmente a princesa tinha a atenção que desejara em toda a sua infância. No entanto, o rei e a rainha sentem falta da menina, e então o seu padrasto decide procurá-la.

Desceu a montanha. Na verdade, ele [o rei] estava até achando bom passear um pouco. Há quanto tempo não deixava o seu castelo! Respirou o ar fresco, curtindo aquele calorzinho, que acabou por aquecer o seu coração. Percebeu que Pretinha só tinha fugido do castelo porque não se sentia feliz. [...] Prometeu a si mesmo que, quando a família estivesse reunida de novo, ele seria um rei diferente, mais atencioso e legal. Então, acabou por encontrar uma cabana enorme, de onde vinha um canto meio desafinado. Era Pretinha! (FILHO, 2013, p. 17).

Pretinha de bom grado aceitou as desculpas do rei, que, por sua vez, prometeu-lhe atenção e carinho, bem como fizera a rainha. Mas Pretinha não queria se despedir dos seus

amigos gigantes, e então surgiu a ideia da construção de um castelo para que a família real morasse perto dos seus novos amigos. O final da história de Pretinha não poderia ser diferente ao de todas as princesas da história, um final feliz, como é possível observar no trecho:

Assim, para terminar a história, os gigantes construíram um bonito castelo para a família real, maior e mais aconchegante. Os novos ares ensolarados fizeram muito bem ao rei, que deixou de ser convencido e mandão. [...] A mãe de Pretinha passou a ser mais atenciosa e a brincar e rir com a filha, o que a fez perceber tudo que estava perdendo. Pretinha, por sua vez se tornou uma menina muito carinhosa com os pais, e viu quanto isso era importante. [...] Os sete gigantes se revelaram ótimos vizinhos e amigos, e todos os domingos se reuniam com a família real para almoçar mingau de carne com amendoim e batatas (FILHO, 2013, p. 23).

Ainda que a única semelhança entre a história narrada por Filho e a por Lobato acarretem finais opostos, é possível refletir acerca da temporalidade. Pretinha é uma princesa dos tempos atuais, possuía conforto e boa casa, encontra amigos que permanecem em sua vida. Negrinha, por sua vez, era filha de mãe escravizada, não tinha ninguém que olhasse por ela, quando conhece a felicidade, percebe que não consegue mais viver como antes, e vem a óbito.

Coelho (2000), ao explicar sobre tendências da Literatura infantil, explica que há diferentes tipos de realismo cotidiano, e, também por isso, dá-se a grande diferença das obras, ainda que as personagens tenham a mesma cor e que a reflexão proposta pelos autores seja a mesma. Percebe-se que o realismo predominante na obra *Negrinha* é o realismo crítico, definido por Coelho (2000) como: “Obras atentas à realidade social e cuja matéria literária é orientada ou filtrada por uma perspectiva político-econômico-social.” (p. 156). Já em *Pretinha de Neve e os sete gigantes* a tendência utilizada é a que Coelho (2000) denomina de Realismo Mágico, sendo “obras em que as fronteiras entre realidade e imaginário se diluem, fundindo-se as diferentes áreas para dar lugar a uma terceira realidade” (p. 158).

Isso é muito bem observado na obra, pois em vários momentos a menina age como se não houvesse realmente os limites da realidade, como sair sozinha de casa, mesmo sendo uma criança, conversar com objetos falantes, entre outros, como o pequeno diálogo que tem com o Tacho de Cobre, que deixa claro o fato de estar em um conto de fadas, em que, aparentemente, tudo é possível. Observe: “- Ué, eu não sabia que tacho de cobre falava. - Espelho não fala também!? Isso é um conto de fadas, ora” (FILHO, 2013, p. 9).

Comparar as diferentes personagens possibilita-nos observar a importância de haver personagens negros em diversos protagonismos, faz-nos perceber como o espaço em que a obra se passa interfere nas ações das personagens e amplia a visão de mundo e de consciência acerca da literatura infantil e de seu papel social.

Considerações finais

Com transformações ocorrendo gradualmente no campo social, muitos dos assuntos são esquecidos ou abordados de outras maneiras, mas esquecer das obras de autores consagrados, como Monteiro Lobato – um dos pioneiros da literatura infantil brasileira –, é um enorme equívoco. Percebemos que é possível trazer debates atuais por meio da releitura de contos clássicos, pois foi o que ocorreu na análise comparativa feita no presente artigo.

Observar a criança negra em espaços diferenciados configura uma sociedade que está mudando de mentalidade e não aceita mais o negro em condição subalterna. Por isso, foram selecionados os referidos contos, que instigam o imaginário dos leitores a refletirem acerca de questões importantes, formando, assim, crianças e adolescentes mais humanos.

De modo geral, a literatura infantil requer olhares amplos, pois a sua função na formação de leitores vai além do entretenimento, e a presença da literatura em sala de aula é a melhor maneira de corroborar com uma educação reflexiva.

A comparação entre as duas obras faz-nos refletir sobre a necessidade de discutir temáticas importantes a partir da literatura infantil, faz-nos conhecer as mazelas sociais e nos dá esperança de um futuro melhor, já que a literatura está em constante mudança, acompanhando uma sociedade que progride paulatinamente.

Esperamos que o artigo, como disse Carvalhal (1986) sobre a literatura comparada, não seja o fim, mas o caminho a ser percorrido para quem deseja humanizar e transformar as gerações a partir da arte e da educação.

Referências

- CANDIDO, Antonio. Preconceito e democracia. *In: Remate de males*. São Paulo, UNICAMP, 1999.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 1986.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.
- COLOMER, Teresa. A literatura infantil e juvenil atual. *In: COLOMER, Teresa. Introdução à literatura infantil e juvenil atual*. São Paulo: Global, 2017.
- CORRÊA, Hércules Tolêdo. Qualidade estética em obras para crianças. *In: SOARES, Magda; PAIVA, Aparecida. (Orgs.) Literatura infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- DORIA, Antonio Sampaio. **O preconceito em foco**: análise de obras literárias infanto-juvenis: reflexões sobre história e cultura. São Paulo: Paulinas, 2008.
- FILHO, Rubem. **Pretinha de neve e os sete gigantes**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- LOBATO, Monteiro. Negrinha. *In: MORICONI, Ítalo. (Org.) Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MARTINS, Aracy; COSSON, Rildo. Representação e identidade: política e estética étnico-racial na literatura infantil e juvenil. *In: SOARES, Magda; PAIVA, Aparecida. (Orgs.) Literatura infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- OLIVEIRA, Rayne Maria da Silva; JAMIR E SILVA, Liliâne Maria. Literatura infantojuvenil afro-brasileira: caminhos na superação do racismo. *Lumen*, Recife, v. 26, n.1, p. 45-65, jan./jun., 2017
- RAND, Ayn. Racismo. *In: A virtude do egoísmo*. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- RIBEIRO, Djamilá. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).
- TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

Recebido em: 04.10.2019

Aprovado em: 17.10.2019

Para referenciar este texto:

MACENA, Keyla Patrícia da Silva; AZEVÊDO, Nelma Menezes Soares de. Literatura infantil e a temática étnico-racial: uma análise comparativa entre as narrativas Pretinha de neve e os sete gigantes e Negrinha. **Lumen**, Recife, v. 28, n. 2, p. 87-97, jul./dez. 2019.